



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Curso de Letras com Habilitação em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua

Trabalho de Conclusão de Curso

MORFOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:

Morfemas presos e morfemas livres

Maurivânia Martins Nepomuceno

Brasília

2019

MAURIVÂNIA MARTINS NEPOMUCENO

**MORFOLOGIA NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA:
Morfemas presos e morfemas livres**

Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia –
apresentado ao Departamento de Linguística, Português
e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade
de Brasília, para obtenção do título de bacharel em
Letras – Língua de Sinais Brasileira – Português como
Segunda Língua.

Orientador: Prof. MSc. Saulo Machado Mello de Sousa.

Brasília

2019

À Deus e à comunidade surda brasileira pelo aprendizado da Língua de Sinais Brasileira – LSB e por ter contribuído de várias formas para a minha vida como discente e aprendiz.

Aos meus filhos, Gabriel e Ana Sofia, e a meu marido, Denis Felipe, por poder dividir o tempo nas horas mais difíceis, pois, “a vida é um teatro”.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para fazer a faculdade e o trabalho de final de curso. Sem ele não seria possível chegar até a reta final.

Aos meus pais que me deram apoio e incentivo nas horas difíceis.

Sou grata também à minha amiga à Monica Luciana, que não me deixou ser vencida pelo cansaço e que estava ao meu lado me inspirando e incentivando para que a trajetória final fosse uma vitória.

Obrigada ao meu marido Denis Felipe, que acreditou veemente em mim, que me instigou e compreendeu minha ausência pelo tempo dedicado aos estudos.

Meus agradecimentos às minhas irmãs, em especial, à Marina, que durante o tempo ressaltava que eu estava no “curso que eu me identificava”, que de alguma forma também contribuíram para que o sonho da universidade se tornasse realidade.

Enfim, a todos os meus professores do curso de Língua de Sinais Brasileira – LSB, em especial, ao professor, Saulo Machado, que me deu todo o suporte com suas correções e incentivos.

“Se você falar com um homem numa linguagem que ele compreende, isso entra na cabeça dele. Se você falar com ele em sua própria linguagem, você atinge seu coração”.

Nelson Mandela

RESUMO

Diante dos desafios, fui instigada a pesquisar os morfemas preso e livre na Língua de Sinais Brasileira, concentrando-se em um aspecto pouco estudado, pois se tem poucos pesquisadores na área da Linguística, de fato, que tratam desse tema em específico, porém, indispensável para gramática da língua em questão. Conforme as pesquisas expostas no corpo do trabalho tem-se a diferença entre os morfemas e a organização de cada tópico, de acordo com a estrutura da língua. No corpo do trabalho apontam-se conceito e exemplos de cada um deles, explanando como esses funcionam dentro da estrutura da Língua de Sinais Brasileira, tais como: Fonética, Fonologia, Sintaxe, Pragmática, Semântica e Morfologia – áreas da Linguística. Mais especificamente tem-se uma apresentação dos detalhes que traçam a distinção entre os morfemas presos e livres na estrutura da Língua de Sinais Brasileira, asseverando como os sinais mudam devido à locação, à orientação e às expressões não manuais, devido às configurações de mãos, no caso de formação de novos sinais, fazendo uso de dois morfemas (morfema preso), diferentemente do morfema livre, que ocorre isoladamente. A temática aqui pesquisada e explorada, portanto, necessita de um estudo mais aprofundado do que os que têm sido feitos nas últimas décadas. Assim, faz-se importante demonstrar um novo olhar para novas buscas dos pesquisadores e sinalizantes da Língua de Sinais Brasileira.

Palavras-chave: Morfologia. Morfema. Morfema preso e livre.

ABSTRACT

In the face of the challenges, I was instigated to research the free and bound morphemes in the Brazilian Sign Language, concentrating on a little studied aspect, because there are few researchers in the area of Linguistics, in fact, who deal with this specific topic, indispensable for grammar of the language in question. According to the researches exposed in the body of the work we have the difference between the morphemes and the organization of each topic, according to the structure of the language. In the body of the work, the concept and examples of each of them are explained, explaining how they work within the structure of the Brazilian Sign Language, such as: Phonetics, Phonology, Syntax, Pragmatics, Semantics and Morphology – Linguistics areas. More specifically, there is a presentation of the details that draw the distinction between the free and bounded morphemes in the structure of the Brazilian Sign Language, asserting how the signs change due to location, orientation and non-manual expressions due to the configurations of hands, in the case of formation of new signs, making use of two morphemes (trapped morpheme), unlike the free morpheme, which occurs in isolation. The topic researched and explored, therefore, needs a more in-depth study than those that have been done in the last decades. Thus, it is important to demonstrate a new look for new searches of the researchers and signatories of the Brazilian Sign Language.

Keywords: Morphology. Morpheme. Morpheme arrested and free.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	46 Configurações de Mãos da Língua de Sinais Brasileira (Sistema Brito-Langevin).....	18
Figura 2 –	Desculpa, discutir	19
Figura 3 –	Desenhar, desenvolver	20
Figura 4 –	Eu te aviso, você me avisa.	21
Figura 5 –	Casa, casinha , casarão./ entregar para um, dois, todos.	26
Figura 6 –	Cadeira, sentar	28
Figura 7 –	Comer, meio dia	29
Figura 8 –	Cama, dormir.	29
Figura 9 –	costurar	30
Figura 10 –	Falar repetidamente	31
Figura 11 –	Não-saber	32
Figura 12 –	Uma-vez, duas-vezes./ nervoso, muito-nervoso.	34
Figura 13 –	Árvore, floresta.	35
Figura 14 –	Falar muito.	36
Figura 15 –	Dia 1, Dia 2.....	37
Figura 16 –	Mês 1, Mês 2.....	38
Figura 17 –	Hora 1, Hora 2.....	38
Figura 18 –	Incorporação de negação.....	39
Figura 19 –	Incorporação de movimento de cabeça.....	39
Figura 20 –	Incorporação de negação, poder e não-poder.	40
Figura 21 –	Ontem.....	42
Figura 22 –	Mês.....	43
Figura 23 –	Gestuário.....	44
Figura 24 –	Um Mês; Dois Meses.....	44
Figura 25 –	Um Dia; Dois Dias.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Art.	-	Artigo
ASL	-	<i>American Sign Language</i>
CM	-	Configuração de Mãos
EUA	-	Estados Unidos da América
L	-	Locação
LGP	-	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	-	Língua Brasileira de Sinais
LO	-	Língua Oral
LS	-	Língua de Sinais
LSA	-	Língua de Sinais Americana
LSB	-	Língua de Sinais Brasileira
LSF	-	<i>Langue des Signes Franç</i>
LSF	-	Língua de Sinais Francesa
M	-	Movimento
N.	-	Número
N. p.	-	Não paginado
P.	-	Página
PA	-	Ponto de Articulação
PSL	-	Português como Segunda Língua
UnB	-	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	13
1.1 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	16
1.1.1 Fonologia	17
1.1.2 Morfologia	21
1.1.3 Sintaxe	22
1.1.4 Semântica e Pragmática	23
2 MORFOLOGIA	24
2.1 FLEXÃO.....	25
2.2 DERIVAÇÃO.....	27
2.3 INCORPORAÇÃO DE NUMERAL E NEGAÇÃO.....	30
3 MORFEMAS PRESOS E LIVRES NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	33
3.1 MORFEMAS PRESOS	33
3.1.1 Incorporação de numeral.....	37
3.1.2 Incorporação de negação	39
3.2 MORFEMAS LIVRES	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Língua de Sinais Brasileira – LSB¹ é uma língua reconhecida oficialmente como língua usada pela comunidade surda brasileira, e atualmente vem se destacando em virtude dos movimentos da comunidade surda e pelo processo de inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino. Sua regulamentação se deu por meio da Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que em seu art. 2º profere, *in verbis*:

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua de Sinais Brasileira - como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (BRASIL, 2002, n. p.).

Tal ditame foi regulamentado pelo Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, trazendo uma série de orientações para a formação de professores e instrutores de LSB, determinando o uso e difusão desta e da Língua Portuguesa para o acesso de pessoas surdas à educação, e estabelecendo em seu art. 26º, a garantia de tratamento diferenciado ao surdo, disponibilizando-se servidores e empregados capacitados em LSB, bem como o acesso às tecnologias da informação, *in verbis*:

Art. 26. O Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, deverão garantir às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o seu efetivo e amplo atendimento, por meio do uso e da difusão da Libras e da tradução e da interpretação de Libras - Língua Portuguesa. (Redação dada pelo Decreto n. 9.656, de 2018)

§ 1º Para garantir a difusão da Libras, as instituições de que trata o *caput* deverão dispor de, no mínimo, cinco por cento de servidores, funcionários ou empregados com capacitação básica em Libras. (Redação dada pelo Decreto n. 9.656, de 2018)

§ 2º Para garantir o efetivo e amplo atendimento das pessoas surdas ou com deficiência auditiva, o Poder Público, as empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, poderão utilizar intérpretes contratados especificamente para essa função ou central de intermediação de comunicação que garanta a oferta de atendimento presencial ou remoto, com intermediação por meio de recursos de videoconferência *on-line* e *webchat*, à pessoa surda ou com deficiência auditiva. (Redação dada pelo Decreto n. 9.656, de 2018)

§ 3º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e distrital e as empresas concessionárias e permissionárias de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o efetivo e amplo atendimento previsto no *caput*. (Incluído pelo Decreto n. 9.656, de 2018) (BRASIL, 2005, n. p.).

¹ Para o presente estudo será utilizada a sigla LSB, seguindo Quadros (2003), que defende ser esta uma padronização na nomenclatura das línguas de sinais no mundo.

Segundo a Lei n. 10.436/2002 e o Decreto n. 5.626/2005 supramencionados, ambas são interpretadas de forma que, o profissional de interprete de libras (tradutor) e o professor de português como segunda língua terão como foco principal a disseminação de aplicação de um método de ensino distinto às pessoas surdas nas escolas. Garantindo-lhes acesso livre às tecnologias da informação, bem como, servidores e empregados qualificados em LSB para que, possam prestar atendimento à essas pessoas com esse tipo de deficiência.

Observando a Lei n. 10.436/2002, tem-se aí um avanço na sociedade no que tange a disseminação e prática da LSB, e a cada dia, novos estudos e pesquisas nos levam a identificar aspectos relevantes da estrutura dessa língua, contribuindo para uma melhor compreensão e organização da estrutura da gramática da LSB sendo o foco principal da minha pesquisa.

Nascimento (2009, p. 80) também destaca: “A Morfologia nos estudos das línguas de sinais ampara-se nas definições encontradas nos estudos das línguas orais, embora o foco de análise dos fenômenos tenha-se ampliado em vários aspectos”. Portanto, o estudo da morfologia na LSB tem como objetivo de comparação e apoio com a língua oral, sabendo que cada uma carrega sua estrutura e característica própria de sua língua.

Em relação à morfologia da LSB, Quadros e Karnopp (2004,p.19), afirmam que “é o estudo da estrutura interna das palavras faladas ou sinalizadas. De acordo com as autoras, essas unidades mínimas com significado, que são os (morfemas) e logo outros aspectos associados como a sua distribuição e classificação”. De fato, para aquelas autoras, a Morfologia “[...] é o estudo da estrutura interna das palavras, ou seja, da combinação entre os elementos que formam as palavras e o estudo das diversas formas que apresentam tais palavras quanto à categoria de número, gênero, tempo e pessoa” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 21).

A unidade de estudo da Morfologia, ainda segundo Quadros e Karnopp (2004), é o morfema, que é a menor unidade com significado da língua.

Entre as teorias gerais da morfologia, o foco desta pesquisa é trabalhar morfemas, de acordo com Nascimento (2009, p. 83), ao aduzir que “[...] como objeto de estudo da Morfologia, podem ser livres quando ocorrem isolados e presos quando não podem ocorrer isolados, mas, exclusivamente ligados a outro(s) morfema(s)”.

O presente trabalho tem como objetivo mostrar o que são os morfemas livres e presos e como eles funcionam, mais especificamente na LSB, por meio de um levantamento bibliográfico. Por seguinte o tema me instigou durante a disciplina Morfossintaxe Contrastiva do Curso de Letras com Habilitação em Língua de Sinais Brasileira – Português como

Segunda Língua – LSB-PSL da Universidade de Brasília – UnB. Neste, surgiram temas que despertaram interesse acadêmico, como por exemplo, morfemas livres e presos na LSB, um assunto pouco visto e discutido.

Quanto à metodologia, trata-se de uma revisão bibliográfica, na qual serão pesquisados livros, teses, dissertações, monografias e artigos de alguns pesquisadores pioneiros nos estudos linguísticos, como: Brito (1995), Felipe (2001), Quadros e Karnopp (2004), Nascimento (2009), Nascimento e Correia (2011), entre outros; sobre o tema, que ampliaram o desenvolvimento de novas pesquisas morfológicas na LSB, no intuito de desenvolver um estudo qualitativo.

No primeiro capítulo é apresentado um breve histórico sobre a LSB e sobre como e quando ela surgiu no Brasil, relatando o que é a LSB, quais foram os primeiros pesquisadores no Brasil como, características da língua e seus aspectos gramaticais gerais, mostrando que ela possui uma estrutura própria como qualquer outra.

O segundo capítulo trata-se do estudo de morfologia da LSB, inicialmente serão apresentadas flexão, derivação detalhando de forma estruturada, apresentando sua organização e seus conceitos de forma clara e abrangente.

No terceiro são apresentados os resultados e as pesquisas existentes que abordam morfemas livres e presos na LSB, definindo e explicitando seu funcionamento, diferenciando ambos e seus usos na Língua em questão.

A princípio é preciso explicar os distintos termos LSB e LIBRAS; pois expressão Língua de Sinais constitui a sigla LS; em outros países, para nomear sua língua de sinais, adiciona à sigla LS a primeira letra do nome do país ou da língua falada daquele país. Como por exemplo, no Brasil, a Língua de Sinais é denominada LSB; em Portugal, Língua Gestual Portuguesa – LGP; nos Estados Unidos da América – EUA, ASL (*American Sign Language*) e, assim, por diante.

[...] o mais adequado seria referir-se à língua de sinais utilizada no Brasil como LSB, o que é feito no âmbito acadêmico, como vemos nas pesquisas que se apresentam em dissertações, teses, artigos e outras produções acadêmicas no Brasil – já que este termo obedece à lógica do raciocínio linguístico, aparentemente mais de acordo com a escolha lexical de outras populações de pessoas surdas em todo o mundo (COSTA, 2012).

Nessa introdução, em parte, irei dissertar o estudo de morfologia, a partir de pesquisas já desenvolvidos, sob as bases morfológicas apresentadas por alguns pesquisadores da LSB, como Ferreira (1995), Quadros e Karnopp (2004), Felipe (2006), Nascimento (2009), Quadros e Pizzio (2009), entre outros pesquisadores brasileiros.

1 LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

A Língua de Sinais Brasileira – LSB é a língua reconhecida como a língua falada pelos surdos no Brasil, conforme estabelecido pelo art. 1º da Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, *in verbis*: “Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua de Sinais Brasileira – Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002, n. p.).

No entanto, no início da década de 2000, foi instituída a nomenclatura Língua de Sinais Brasileira – LSB, defendida por parte da comunidade surda e por alguns autores por “seguir os padrões internacionais de denominação das línguas de sinais” (QUADROS, 2004, p. 9). Ainda que o nome Língua Brasileira de Sinais conste nos documentos oficiais brasileiros, escolhi por fazer uso do nome mais novo e sua respectiva sigla (LSB), pelo mesmo motivo apresentado por Quadros (2004).

A LSB, assim como as demais Línguas de Sinais – LSs no mundo, é de natureza gestual-visual, ou melhor, os modos de elaboração e percepção da mensagem estão relacionados direta e respectivamente com os sinais realizados pelo corpo e percebidos pela visão, além de expressões corporais e faciais, como defendido por:

Salles *et al.* (2004), que diz que:

[...] Ao nos comunicarmos por meio da fala usamos, necessariamente, a linguagem oral; no entanto, quando a comunicação ocorre por meio da língua de sinais “[...] o primeiro aspecto a considerar é que essas línguas utilizam a modalidade viso-espacial, que se distingue da modalidade oral-auditiva, utilizada pelas línguas orais”.

Portanto, o uso da língua para que haja comunicação entre o sujeito surdo e meio que convive. A língua é, então: “Um elemento intercessor entre o surdo e o meio social em que vive, por intermédio dela, os surdos demonstram suas capacidades de interpretação do mundo desenvolvendo estruturas mentais em níveis mais elaborados” (SKLIAR *apud* SKLIAR, 2006, p. 72). Concordo com as palavras do autor, portanto, o uso da LSB entre os surdos e ouvintes, é indispensável, pois a comunicação é um fator principal para que haja troca de experiências, conhecimentos, valores, culturas, e a relação do sujeito em seus diferentes espaços, cooperando para uma participação social integral na sociedade.

De acordo com Calvet (2007, p. 85): “A linguística nos tem ensinado que as línguas não podem ser decretadas, mas que são produtos da história e da prática dos falantes, que elas evoluem sob a pressão de fatores históricos e sociais”. Por seguinte são esses aspectos

históricos, culturais, linguísticos, educacionais e sociais da área da surdez que auxiliam para diminuir a dificuldade de comunicação que vem ocorrendo com o sujeito surdo.

[...], portanto independentemente do estudo de línguas específicas, tais como o inglês, o português, a língua de sinais brasileira, a língua de sinais americana e assim por diante, é possível determinar os princípios universais que regem todas essas línguas e, possivelmente, todas as línguas (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 17).

Dessa forma a linguística é um fator de natureza que se preocupa com a linguagem e comunicação, e na LSB saber a distinção da linguagem e por possuir todos os requisitos que atribuem como língua, tais como: aspectos fonológicos, morfológicos, sintaxe, semântica e pragmática; e todos esses aspectos são de suma importância, enquanto a linguagem é algo natural e não herdado, assim é a LSB no cotidiano do sujeito surdo, pois há uma estrutura, com regras a seguir como qualquer outra língua. Segundo Nantes (2010, p. 120), “também são organizadas em níveis hierárquicos em que os sinais são constituídos em sequências de unidades mínimas, o que corresponde à fonologia”.

A LSB é uma língua natural e carrega consigo características próprias de língua, com todos os seus atributos e requisitos necessários. Além disso, as LSs não são universais, visto que cada país possui a sua própria língua e, inclusive dentro do mesmo país, como no caso do Brasil, com as variações encontradas em cada região. Strobel e Fernandes (1998) explicam que “as variações regionais referem-se a variações de sinais de uma região para outra”, porém, as LSs, assim como as demais línguas, variam não apenas de lugar para lugar, mas também de comunidade para comunidade.

Em LSB, na variação regional, há vários sinais com o mesmo significado. Um exemplo disso em Português é a palavra “mandioca”, que, dependendo da região do Brasil, ela pode ter nomes distintos, como aipim; a palavra pode modificar, porém, o significado é o mesmo.

Como toda língua, as línguas de sinais aumentam seus vocabulários com novos sinais introduzidos pelas comunidades surdas em resposta a mudanças culturais e tecnológicas. As línguas de sinais não são universais, cada língua tem sua própria estrutura gramatical. Assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas, também as pessoas surdas por toda parte do mundo, que estão inseridos em “culturas surdas”, possuem suas próprias línguas (FELIPE, 1990, p. 81 *apud* OLIVEIRA; MARQUES, 2014, p. 89).

Logo, a variação linguística está fixada em cada lugar, sendo de cada estado do Brasil tem suas próprias variações. Veja que são sinais diferentes, mas com significados iguais. As diferenças regionais é variação linguística de cada estado.

[...] Strobel e Fernandes (1998) nos apresenta sobre variações linguísticas na LSB “maioria no mundo, há pelo menos, uma língua de sinais usada amplamente na comunidade surda de cada país, diferente daquela da língua falada utilizada na mesma área geográfica. Isto se dá porque essas línguas são independentes das línguas orais, pois foram produzidos dentro das comunidades “surdas”. Segundo Strobel e Fernandes (1990) a LSB apresenta dialetos regionais, salientando assim, uma vez mais, o seu caráter de língua natural (JÚNIOR, 2011, p. 56- 57 *apud* OLIVEIRA; MARQUES, 2014, p. 89).

Segundo Strobel e Fernandes (1998), “os dialetos, usados por grupos de surdos que pesquisadas em diferentes regiões por regiões do Brasil, provando que cada região tem diferenças, mas que já havia sido convencionada por surdos”. Essas variações assim como português também são encontradas na LSB como, por exemplo: na região nordeste (Recife), o sinal de BANCO que tem configuração de mão n. 53 raspando uma mão na outra, representando a palavra BANCO, já no Centro-Oeste é representando pelo sinal com a mesma configuração de mão só que tocando no pescoço.

Outro fator relevante e que cabe aqui ser ressaltado são

[...] as variações linguísticas, regionais e sociais e as mudanças históricas como fenômenos identificáveis na Língua Brasileira de Sinais, o que lhe confirma, mais uma vez, o caráter natural. A variação regional refere-se às variações de sinais que acontecem nas diferentes regiões do mesmo país; já a social representa as variações na configuração de mão e/ou movimento, sem alterar o sentido do sinal, as mudanças históricas estão relacionadas com as modificações que o sinal pode sofrer, devido aos costumes da geração que utiliza o sinal (STROBEL; FERNANDES, 1998).

Nos Estados Unidos da América – EUA, por exemplo, os surdos usam como meio de comunicação a Língua de Sinais Americana – LSA (em inglês, *American Sign Language* – ASL), que é diferente da Língua Gestual Portuguesa – LGP, de Portugal, que, por sua vez, difere da Língua de Sinais Francesa – LSF (em francês, *Langue des Signes Française* – LSF), da França, e assim por diante.

Em relação às universalidades das LSs, Gesser (2009, p. 12) faz a seguinte indagação:

[...] está também implícita uma tendência a simplificar a riqueza linguística, sugerindo que talvez para os surdos fosse mais fácil se todos usassem uma língua única, uniforme. O paralelo é inevitável: e no caso de nossa língua oral, essa perspectiva se mantém? Mesmo que, do ponto de vista prático, tal uniformidade fosse desejável, seria possível a existência, nos cinco continentes, de uma língua que, além de única, permanecesse sempre a mesma?

De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 33), “as pessoas normalmente perguntam se as línguas de sinais não são universais. Há quem questione por que as línguas de sinais não são universais, como se esse fato fosse o óbvio”. Portanto, esse mito de que as LSs são semelhantes, digamos que um pouco complexa, quando se trata de expressividade é notória como em qualquer língua oral. As línguas propagam ideias abstratas. Todas as Línguas de Sinais, que ainda em construção, vem buscando a ampliação de seu vocabulário com novos sinais inseridos pelas comunidades surdas e em resposta às mudanças culturais e históricas. Portanto, a LS não é universal e cada Língua tem sua própria estrutura gramatical.

1.1 ASPECTOS LINGUÍSTICOS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Para Sandler e Lillo-Martin (2006, p. 114):

[...] as línguas de sinais são de modalidade gestual-visual, e o espaço, movimento, localização são o canal de comunicação. Nele, frases, textos e discursos são produzidos e organizados através dos sinais. São consideradas línguas naturais, pois surgiram da interação natural entre indivíduos [...].

A LSB possui sua própria gramática, respeitando todos os níveis linguísticos exigidos. Independentemente de quem e como utiliza a língua, o significado pode ser diferente, no contexto, dependendo da necessidade comunicativa e expressiva de cada indivíduo. Além do mais, a LS não é descendente da língua oral ou baseada em sua estrutura,

[...] As línguas de sinais são línguas naturais porque como as línguas orais surgiram espontaneamente da interação entre pessoas e porque devido à sua estrutura permitem a expressão de qualquer conceito – descritivo, emotivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, permitem a expressão de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano (BRITO, 1998, p. 19).

Quadros e Karnopp (2004, p. 15) afirmam que “a linguística é o estudo científico das línguas naturais e humanas” e, assim como várias outras línguas, a LS também vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores como, por exemplo, Brito (1998), Quadros e Karnopp (2004), Gesser (2009), Felipe (2006), entre outros, que comprovam que a LSB, como todas as línguas, possui esses níveis linguísticos bem determinados, sendo eles fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, que serão esclarecidos a seguir.

1.1.1 Fonologia

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que a Fonologia das LSs é a área da Linguística que tem como objetivo distinguir a estrutura e a ordem dos constituintes fonológicos, propondo definições e uma explanação mais concisa.

Para aquelas autoras, o uso do termo fonologia independe da distinção entre a modalidade das Línguas Orais – LOs e línguas sinalizadas; ou seja, “as línguas de sinais são línguas naturais que compartilham princípios linguísticos subjacentes com as línguas orais, apesar das diferenças de superfície entre fala e sinal” (QUADROS; KARNOOP, 2004, p.42).

De acordo com Pagy (2012, p. 48), sobre a Fonologia, “em outras palavras, ela envolve o estudo das unidades menores desprovidas de significado que irão fazer diferença na formação de uma palavra”. Portanto, se faz necessária a descrição dessas unidades, pois sozinhas remetem a nenhum tipo de significado, porém quando combinadas assumem um significado na formação de uma palavra.

Dubois (1973, p. 19) define que a “Fonologia é a ciência que estuda os sons da língua do ponto de vista de sua função no sistema de comunicação linguística. Ela estuda os elementos fônicos que distinguem, numa mesma língua, duas mensagens de sentido diferente”.

Na LSB, a Fonologia estuda os parâmetros que formam os sinais, quais sejam: a Configuração de Mãos – CM; o Ponto de Articulação – PA; o Movimento – M; a expressão facial e/ou corporal; e, a orientação/direção.

Segundo Brito (1995, p. 106), a CM “é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal, num espaço neutro ou tocando em alguma parte do corpo”. Não se restringe ao alfabeto manual, como evidenciado na Figura 1, a seguir.



Figura 1 – 46 Configurações de Mãos da Língua de Sinais Brasileira (Sistema Brito-Langevin).

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 48).

Sobre o PA ou Locação – L, Quadros e Karnopp (2004, p. 57) dizem que “é aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado”. Portanto, o ponto de articulação é nada mais que o lugar onde o sinal é feito como os exemplos na Figura 2, a seguir, onde o sinal discutir é realizado no espaço neutro, ou seja, sem contato com alguma parte do corpo do emissor, enquanto em desculpar o sinal é realizado com contato no queixo, tocando alguma parte do corpo do emissor.



Figura 2 –desculpa, discutir

Fonte: Elaboração própria.

O M é definido por Klima e Bellugi (1979 *apud* BRITO, 1995) como “um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço”.

Para Felipe (2001): “Em Libras, os sinais podem ter movimentos (M) ou não”. Na Figura 3, a seguir, podemos perceber os sinais DESENHAR e DESENVOLVER, que apresentam movimentos; e, já o sinal EM-PÉ, não apresenta movimento.

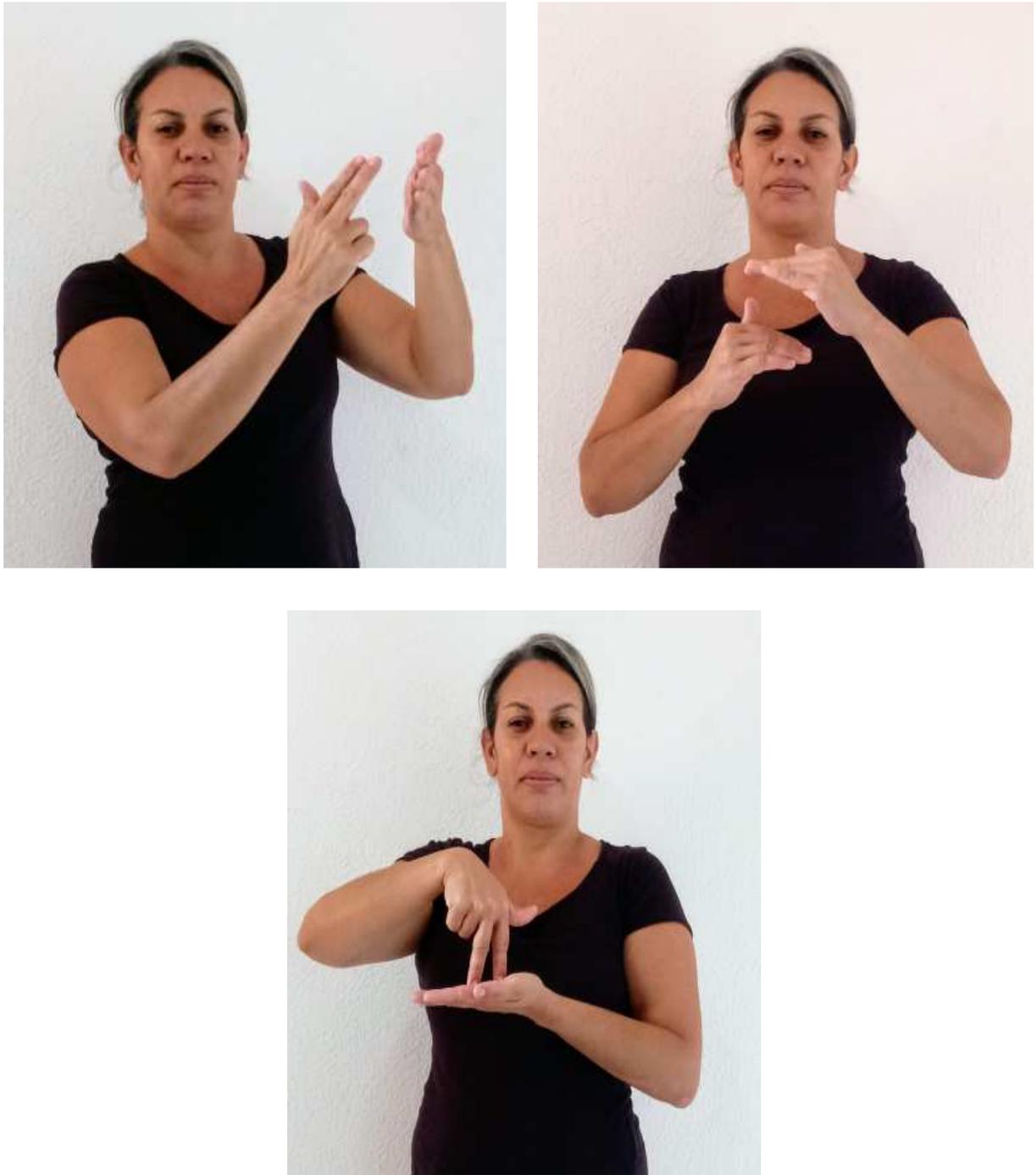


Figura 3 – desenhar, desenvolver, de pé.

Fonte: Elaboração própria.

Segundo Brito (1995, p. 41), outro parâmetro é a orientação de mão que, por definição, “é a direção para a qual a palma da mão aponta para a direção do sinal”. Portanto pode-se dizer nas palavras da autora que as mãos se apresentam em seis direções para o sinalizador tanto para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a esquerda ou para a direita, como evidenciado na Figura 4, a seguir.



Figura 4 – eu te aviso, você me avisa.

Fonte: Elaboração própria.

Por fim, as expressões faciais e corporais, também chamadas de Expressões Não-Manuais, são elementos relevantes no momento de comunicação em LSB, pois através da expressão facial e corporal podemos compreender a LSB ou o sinalizador com mais facilidade. De acordo com a Quadros e Karnopp (2004, p. 60), “as expressões não-manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou tronco) prestam-se a dois papéis na língua de sinais: a marcação de construção sintática e a diferenciação de itens lexicais”. Exemplo disso pode observar nos exemplos: RAIVA, NOJO, MEDO, TRISTEZA, SURPRESA, ALEGRIA. Cada uma representa uma expressão, e combinada com um sinal para intensificar na hora de sinalizar para melhor compreensão.

1.1.2 Morfologia

Para situar este assunto, vamo-nos servir inicialmente, do que dizem alguns autores como, Silva (2009), Leite (2008), Oliveira (2015), entre outros onde estudam a morfologia como a estrutura interna das palavras ou dos sinais.

Segundo Dubois *et al.* (1989, p. 421), “a morfologia é a parte da linguística que estuda a estrutura interna das palavras, observando-as isoladamente, ou seja, sem estarem estas participando de uma frase ou enunciado”.

A morfologia apresenta duas áreas de investigação, a derivacional (estuda a formação de diferentes palavras com mesma base lexical) e a flexional (estuda os processos que acrescentam informação gramatical à palavra já existente), e esses processos também são existentes na língua de sinais (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 94).

[...] Ao passo que a fonologia das LS parece se constituir como um dos seus níveis de análise mais poderosos [...] a morfologia, diferentemente, parece ser um nível de análise significativamente limitado quando comparado com línguas como o português (LEITE, 2008, p. 26).

O objeto de estudo da Morfologia é o morfema, definido como “a menor unidade de som e sentido na língua” (SILVA, 2009, p. 11). A importância deste trabalho de pesquisa como foco principal na LSB, a Morfologia tem um papel fundamental, principalmente na definição e estudos dos morfemas livres e presos, que serão apresentados com mais detalhes nos capítulos a seguir.

1.1.3 Sintaxe

Segundo Brito (1997), define a sintaxe “de maneira preferencial, a ordem SVO (sujeito+verbo+objeto) é a que se destaca na produção das frases, o que não invalida o uso de outras ordens”. Portanto pode-se dizer que ambas tanto na LSB como na Língua Portuguesa, apresentam organizações na estrutura da frase.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 20), a sintaxe “é o estudo da estrutura da frase, ou seja, da combinação das unidades significativas da frase”. Portanto, faz-se necessário dizer que um dos objetos de estudo da sintaxe é a ordem sintática mais básica e da relação entre os elementos dentro dessa sentença, para que haja sentido e concordância.

Na LSB, as autoras acima definem a sintaxe como, um sistema de organização e ligação das unidades de uma oração, como verbos de concordância verbal e nominal, pronomes, e tantos outros elementos.

Entendemos que a sintaxe da LSB é um tema muito complexo e de extrema relevância, porém não a apresentaremos aqui por não ser este o foco desta pesquisa.

1.1.4 Semântica e Pragmática

Segundo Fiorin (2010, p. 79), “a semântica estuda o significado linguístico, enquanto a pragmática estuda o significado resultante do uso linguístico”. Portanto, entendemos que o sentido muitas vezes sofre influência do contexto pragmático, sendo este último tomado como um grupo de circunstâncias em que a mensagem que se deseja anunciar é emitida.

Ainda de acordo com aquele autor:

Dentre as várias possibilidades de investigação do significado, uma delas, se concentra no estudo da relação existente entre as expressões linguísticas e o mundo. Não se pode negar que uma das características importantes das expressões linguísticas é que elas são sobre alguma coisa. [...] Esse mundo sobre o qual falamos quando usamos a linguagem pode ser tomada como o mundo real, parte dele ou mesmo outros mundos ficcionais ou hipotéticos (FIORIN, 2010, p. 138-139).

Já a Pragmática, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p.23), “estuda a língua considerando o contexto linguístico do uso, o seu uso e os princípios de comunicação”.

Não detalharemos aqui os aspectos semânticos e pragmáticos da LSB, pois, apesar do significado permear todos os níveis linguísticos, este não é o foco desta pesquisa.

2 MORFOLOGIA

Nesse capítulo iremos abordar a MORFOLOGIA e seus conceitos básicos, indicando toda a sua complexidade, pois esta se mostrou, durante certo tempo, um desafio para os estudiosos da área da Linguística, como Quadros e Karnopp (2004), Brito (1995), Fiorin (2010) e tantos outros, porém, atualmente a Morfologia da Língua de Sinais Brasileira – LSB é vista com outro olhar no âmbito dos estudos linguísticos, pois, assim como nas outras Línguas de Sinais – LSs existentes no mundo, ela vem se mostrando muito presente e detalhada.

A Morfologia, então, é

[...] o estudo da estrutura interna das palavras, ou seja, da combinação entre os elementos linguísticos que formam as palavras e o estudo das diversas formas que apresentam tais palavras quanto às categorias de número, gênero, tempo e pessoa, por exemplo (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 19).

De acordo com Dubois *et al.* (1989, p. 421):

A morfologia é a descrição das regras que regem a estrutura interna das palavras, isto é, as regras de combinação entre os morfemas raízes para construir ‘palavras’ (regras de formação das palavras) e a descrição das formas diversas que tomam essas palavras conforme a categoria de número, gênero, tempo, pessoa [...].

Segundo Quadros e Karnopp (2004), a Morfologia na LSB, é uma área da linguística que estuda especificamente a estrutura interna das palavras ou sinais, ou seja, toda essa estrutura de palavras e sinais é determinada como regra a formação de sinais.

[...] Estes cinco parâmetros podem expressar morfemas através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência do movimento, de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal, que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais (FELIPE, 2006, p. 202).

Um dos objetos de estudo da morfologia é o morfema. Oliveira (2015, p. 246) define morfemas como “unidades mínimas com significado que formam (ou coincidem) com os itens lexicais de uma língua, são identificados por meio do mapeamento de formas recorrentes com funções semelhantes na formação dos itens lexicais”.

Para Quadros e Karnopp (2004), há dois tipos de morfemas, organizados de acordo com sua prática, sendo que um deles se comporta de forma presa na língua e o outro de forma livre, ou melhor, aparece sozinho como algo emitido por completo; ou até mesmo ligado de forma dependente a outras palavras, porém com liberdade em ligação a elas. Neste sentido, “certos morfemas constituem palavras por si só (morfemas livres), mas outros nunca formam palavras (morfemas presos)” (QUADROS; KARNOPP, 2004), porém, tais aspectos serão abordados e melhor detalhados no próximo capítulo.

Ainda sobre os estudos da Morfologia, esta aborda os processos de flexão e derivação onde, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), “na língua portuguesa e em Libras, os processos de formação de palavras são realizados pela flexão, composição. e derivação”.

2.1 FLEXÃO

Para Basílio (1987, p. 49), entende-se por flexão os “estudos das línguas orais mostram que estas, em geral, para expressar diferentes relações gramaticais, modificam palavras já existentes, por meio de um processo chamado de flexão”. Portanto, o processo de uma mesma palavra pode adotar diferentes formas, ou melhor, dizendo, que para nomear novos conceitos, as línguas em geral não inventam palavras, mas sim através do reaproveitamento de palavras já existentes em seu léxico.

Felipe (1988, p. 11) também cita conceito similar ao da língua oral, tornando diferente devido a marcação na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS através da apontação, ou seja, tornando como se fosse um marcador de flexão de pessoa do discurso:

[...] o léxico da LSB conta com as flexões (acréscimo de informação gramatical a uma palavra já existente na língua) para a formação de tais sinais como, flexão de pessoa ou dêixis, número, grau, modo, reciprocidade, foco temporal e aspecto temporal e distributivo [...].

Na LSB, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 36), há “a flexão de número que indica o singular, dual, plural e o múltiplo. Existem várias formas de substantivos e verbos apresentam flexão de número na LSB”. Portanto há uma diferença entre o singular e o plural por meio da repetição no sinal. Como por exemplo: ENTREGAR PARA UM, ENTREGAR PARA DOIS, INDIVIDUALMENTE, assim por diante.

Os principais processos da LSB apresentam listados por seguinte: pessoa, número, grau, modo, reciprocidade, temporal.

Para Nascimento (2009, p. 12), a flexão de grau “apresenta distinções do menor para o mais próximo, muito”. Por exemplo: CASA, CASINHA, MANSÃO.

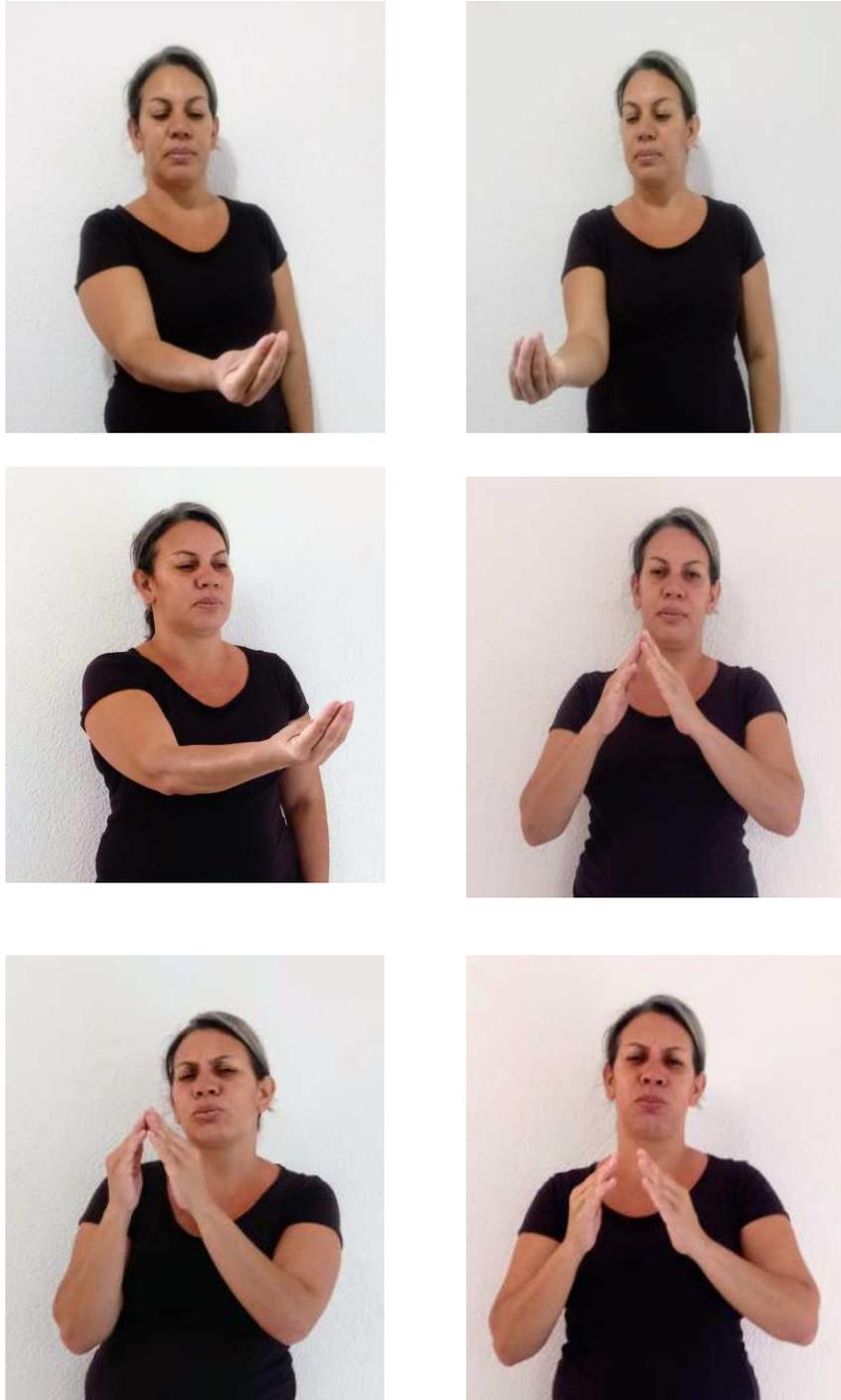


Figura 5– casa, casinha, casarão. Entregar para um, entregar para dois, entregar para todos.

Fonte: Elaboração própria.

2.2 DERIVAÇÃO

O termo “derivação” se refere, segundo Basílio (1987, p. 26), ao processo que “se caracteriza pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para a formação de uma palavra”. Assim, é possível exemplificar algumas palavras com derivação nas LOs; como no exemplo de Basílio (1987, p. 108), que se segue:

livro + -eiro = livreiro

papel + -ria = papelaria

in- + feliz = infeliz

Segundo Azeredo (2008, p. 46), “uma palavra é formada por derivação quando provém de outra, dita primitiva”, ou seja, as palavras se constroem a partir de uma palavra e assim pode ser derivada, formando uma nova palavra.

Cunha (2008, p. 22) explica que formação de palavras é “o conjunto de processos morfossintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais”.

Já na LSB, derivação “é a criação de um novo sinal utilizando o significado de um sinal já existente, porém num contexto que requer uma classe gramatical diferente” (BRITO, 1995, p. 48), ou seja, o que difere um do outro é o movimento, um movimento simples, e o outro movimento duplo, como diz o nome duas vezes.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 101), “o processo de derivação na LSB é aquele que deriva nomes de verbos ou verbos de nomes na Libras, os nomes derivam de verbos, caracterizando um processo chamado de nominalização”. Ou melhor, de acordo com aquelas autoras, na LSB podem-se derivar nomes de verbos por meio da mudança no tipo de movimento. O movimento dos nomes repete e o movimento dos verbos encurta, conforme evidenciado na Figura 6, a seguir, no qual é apresentado o verbo SENTAR, com um movimento único e o substantivo CADEIRA, que tem o movimento duplicado (duas vezes).



Figura 6 – cadeira, sentar.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004).

No âmbito da derivação, encontramos também outros processos, como composição e incorporação, muito presentes nas LSs.

Felipe (2006, p. 207) diz, sobre a composição, que “nesse tipo de processo de formação de palavras, utilizam-se itens lexicais que se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical”. Portanto para compor ou formar novas palavras são utilizados dois ou mais sinais, gerando novos sinais.

Ainda de acordo com aquela autora, “a composição pode se realizar de três maneiras em Libras: a) Pela justaposição de dois itens lexicais” (FELIPE, 2006, p.19) – conforme evidenciado na Figura 7, a seguir, “cujo sinal ALMOÇAR é formado pela junção dos sinais MEIO-DIA e COMER; b) Pela justaposição de um classificador com um item lexical”, conforme evidenciado na Figura 8, a seguir, “no qual os sinais DORMIR + CAMA resultam no sinal de ALOJAMENTO”.

Aquela autora ainda destaca que o “classificador não é uma marca de gênero e funciona como um clítico; e, c) Justaposição da datilologia da palavra, ou seja, composição de sinal por dois itens lexicais, com o sinal COSTURAR + AGULHA = AGULHA (FELIPE, 2006) (Figura 9, a seguir).



Figura 7 – comer, meio dia = almoçar

Fonte: Elaboração própria.



Figura 8 – cama , dormir = alojamento

Fonte: Elaboração própria.



Figura 9 – costurar.

Fonte: Elaboração própria.

Há outro fenômeno da área na qual irei abordar é a incorporação. Segundo Brito (1995, p.25) diz que “a incorporação com a LSB como a informação léxico-sintática que se dá pela superposição da informação formada do léxico somada a ordem de informação sintática”. Para aquela autora, “esse processo é muito comum na formação de sinais, podendo se subdividir em dois tipos: a incorporação de numeral e a incorporação da negação” (BRITO, 1995), porém, brevemente, aprofundaremos aqui nesse aspecto, pois eles serão apresentados com mais detalhes no próximo capítulo.

2.3 INCORPORAÇÕES DE NUMERAL E NEGAÇÃO

Como já foi dito anteriormente, o objeto de estudo da Morfologia é o morfema.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 86), “a palavra morfema deriva do grego *morphé*, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado”.

Silva (2009, p. 11) diz que o “morfema é definido como a menor unidade de som e sentido na língua”. Ou melhor, aquele autor relata a relevância dessas unidades mínimas que compõe esse significado para a formação de palavras, junto com outro morfema, como por exemplo, o morfema preso.

[...] Os estudos tradicionais de morfologia sempre levaram em conta somente as línguas orais, tanto que os conceitos de palavra e morfema mencionam o termo ‘som. As línguas de sinais, mais uma vez, não estavam sendo levadas em consideração no âmbito dos estudos linguísticos (SILVA, 2009).

Brito (1995, p. 91) assevera que “em LSB, nem sempre os morfemas que formam as palavras são equivalentes aos da língua oral”. Portanto podemos, exemplificar falar (vide Figura 10, a seguir), movimento repetido, no que se refere a marca do nome, saber e não-saber (vide Figura 11, a seguir), com movimentos da cabeça de negação, então os morfemas da LSB como exemplos de morfema lexical e morfema gramaticalização ilustrações de como se formam as palavras da LSB a partir de seus morfemas ou unidade mínimas de significação.



Figura 10 – falar repetidamente.

Fonte: Elaboração própria.



Figura 11 – não-saber.

Fonte: Elaboração própria.

Assim, concordamos com Gesser (2009), que afirma que a LSB pode ser comparada a qualquer língua oral tanto em relação à sua complexidade quanto à sua expressividade, pois a estrutura da gramática e lexical está presente e é totalmente distinta de outras línguas, não somente pela sua complexidade, mas por possuir traços naturais da língua.

A partir de agora, serão vistos alguns processos produtivos na LSB que são os morfemas livres e morfemas presos.

3 MORFEMAS PRESOS E LIVRES NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Neste capítulo apresentaremos mais detalhadamente os conceitos, dados e informações encontrados sobre morfemas presos e livres na Língua de Sinais Brasileira – LSB. Inicialmente apresentaremos os conceitos, que se aplicam a todas as línguas, sejam elas orais ou de sinais. Posteriormente fazemos uma consolidação das informações encontradas sobre o tema proposto, apresentando o ponto de vista e as definições dos autores pesquisado.

Por conseguinte, argumentaremos como morfemas presos e livres podem se combinar para criar novos sinais e junção de conceitos em LSB, inclusive, os tipos de morfemas encontrados na Língua em questão. Por essa razão, buscaremos a como identificar os tipos de morfemas dos sinais.

Quadros e Karnopp (2004, p. 29) atentam, inicialmente, que em LSB “temos os morfemas presos (sufixos/prefixos) que não podem ocorrer isoladamente e os morfemas livres que constituem palavras”. Para fins didáticos, apresentaremos cada um separadamente.

3.1 MORFEMAS PRESOS

Morfemas presos, de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 23), “são unidades mínimas com significado que não ocorrem sozinhos”. Tratando-se de morfema preso na LSB, esses precisam sempre se juntar a outros morfemas para formar uma palavra.

Nascimento (2009, p.12) observa que “os morfemas, como objeto de estudo da morfologia, podem ser livres quando ocorrem isolados e presos quando não podem ocorrer isolados, mas, exclusivamente ligados a outros morfemas”.

Brito (1995), “em meio de aspectos morfológicos, no caso de número e quantificação, explica que a inclusão de numeração e quantidade em LSB sobrepõe em forma de pluralidade dos sinais”. Segundo aquela autora, “a Libras manifesta o número através dos valores singular, dual e plural” (BRITO, 1995, p.41).

[...] Nos substantivos a ideia de valor dual é expressa pela repetição do sinal e pela anteposição ou posposição do número DOIS, ou por um movimento semicircular orientado para os dois referentes. A pluralidade é obtida pela repetição do sinal três ou mais vezes, pela anteposição ou posposição de sinais indicativos de números, ou através do movimento semicircular que deverá abranger as pessoas ou objetos em questão. Muitas vezes, a ideia de plural é expressa pospondo-se o sinal MUITO (BRITO, 1995, p. 42).

Vejam os exemplos a seguir:



Figura 12 – uma-vez, duas-vezes, três-vezes. Nervoso, muito-nervoso

Fonte: Brito (1995,p.42)

Estes exemplos ilustram uma organização flexional, que envolve os processos que acrescentam as informações ou mecanismos gramaticais já existentes. As categorias flexionais podem ser marcadas como: gênero, número, tempo, pessoa e aspecto.

Os aspectos de flexão da língua de sinais podem marcar os tipos de discurso:

Marcando as pessoas do discurso, através da direcionalidade-movimento retilíneo. Flexão para aspecto verbal; marcando os modais através de mudança na frequência ou na velocidade. Flexão para gênero; marcando a concordância de gênero (animado, inanimado, pessoa, animal, coisa e veículo através de configurações de mãos específicas, funcionam como classificadores.)

Segundo Nascimento (2009), os estudiosos como Brito (1995), Felipe (2006) e Quadros e Karnopp (2004) identificam e descrevem os tipos de morfemas encontrados em LSB, quais sejam: morfemas aditivos, repetidos, reduplicados, alternativos, subtrativos e zero.

[...] Todos esses morfemas são unidades construtoras de unidades lexicais sinalizadas-ULS, manifestadas ora como morfemas presos ou dependentes, ora como morfemas livres, independentes; esses últimos, normalmente morfemas-base para construção de novas ULS (NASCIMENTO, 2009, p. 00).

De acordo com Nascimento (2009, p.14): “Todos esses tipos de morfemas fazem parte de criação de sinais como as, unidades lexicais sinalizadas-ULS”. Como diz aquela autora, “independente ou dependente dos morfemas que estarão presentes para o sinalizador, destacando tanto na língua oral quanto na LSB, fazendo uma relação ou comparação nas línguas” (NASCIMENTO, 2009, p. 22); cada um dos morfemas será identificado com de tipos a seguir.

Segundo Quadros e Pizzio (*apud* SALLES, 2007, p. 48), em LSB, os morfemas aditivos “são aqueles que se associam a uma ULS e ampliam o significado dessas unidades, por meio do acréscimo de seus significados a elas”, ou seja, nesse tipo de morfema o sinalizador pode usar um acréscimo, uma intensificação, ao sinalizar, por exemplo: SALTO MORTAL, assim está sendo utilizado pelo sinalizador a ampliação e a dimensão do salto mortal.

Amaral (1994, p. 73) define os morfemas repetidos como “morfemas que se “repetem” no tempo, um após o outro; normalmente marcam o plural de substantivos ou o coletivo”. Para aquela autora, a repetição acontece quando o sinalizador quer utilizar uma palavra que está no singular, que corresponde a uma unidade e quer demonstrar o plural, como em (...), no qual ÁRVORE é feito no singular, mas se repete na intenção de sinalizar FLORESTA, marcando o sinal como coletivo de árvores.



Figura 13 – floresta

Fonte: Elaboração própria.

Para Nascimento (2009, p. 18), os morfemas duplicados ou reduplicados são definidos como “aqueles morfemas produzidos com as duas mãos com a mesma CM, no mesmo espaço, tempo e com o mesmo significado, caso seja articulado somente com uma mão”. De acordo com aquela autora, a reduplicação pode ser sinalizada em espaço neutro com as duas mãos ou só uma sem tirar o significado da palavra sinalizada. Como por exemplo: FALAR MUITO.



Figura 14 – falar muito

Fonte: Elaboração própria.

Pagy (2012) observa que “os sinais já possuem em sua composição um movimento reduplicado, porém caso ele sofra uma reduplicação como em “FALAR MUITO” é demonstrada a noção de intensificação de ação, uma mudança de aspecto”.

Para Quadros e Pizzio (*apud* SALLES, 2007), morfemas alternativos aqueles que mudam a raiz. Para aquelas autoras, ocorre “em LSB na derivação de verbos associados a diferentes instrumentos, como é o caso de mudança na CM ou no PA da ULS, marcados por movimentos presos e dependentes” (QUADROS; PIZZIO *apud* SALLES, 2007, p. 41)

É sabido que, de acordo com as autoras acima, nesse caso, os morfemas alternativos tem propriedade de modificar o sinal no caso da CM ou o no PA como, por exemplo: MÚSICA, ANDAR DE BICICLETA, ou seja, com movimentos alternados, com as duas mãos, juntos.

Brito (1995, p. 32) cita os morfemas zero ou nulos, que “representam a ausência de um morfema para indicar flexão ou derivação, em LSB, o morfema zero está presente nos pares de alguns verbos e substantivos que apresentam a mesma forma”. Faz-se necessário dizer que, na LSB esse morfema não há diferença na sinalização, o sinal é percebido de acordo com o contexto do sinalizador. Por exemplo: FERRO, e PASSAAR ROUPA, e VIAJAR, apresentam a mesma forma, pode-se perceber se estão sendo utilizados com a função de verbos ou de nome.

Acrescentaremos mais um estudo de objeto da teoria de Quadros e Karnopp (2004) em relação das unidades foi observado as principais unidades que são de incorporação, numeral e negação como morfema livre e preso, explicaremos a seguir.

3.1.1 Incorporação de numeral

Os números de 1 a 4 podem ser incorporados aos sinais de DIA (duração), e HORA exemplos de LIBRAS em glosa:



Figura 15 – Dia 1, Dia 2.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 108).



Figura 16 – Mês 1, Mês 2.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 108).



Figura 17 – Hora 1, Hora 2.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 108).

Ainda de acordo com Quadros e Karnopp (2004), aos sinais DIA (duração e SEMANA) podem ser incorporados também a frequência ou duração através de um movimento prolongado ou repetido. Exemplos:

- TODOS OS DIAS – movimento repetido;
- DIA INTEIRO “o dia todo” – movimento alongado;
- TOD@ SEMANA 2ª FEIRA “todas as segundas” – movimento alongado; e
- TOD@ SEMANA 4ª FEIRA “todas as quartas”.

3.1.2 Incorporação de negação

Há alguns sinais que podem incorporar a negação.

Conforme a base de Quadros e Karnopp (2004), a incorporação de negação nos sinais possuem a forma marcada através de expressão facial incorporada ao sinal, que neste caso, é chamado negação supra-segmental, como se seguem:



Figura 18 – Incorporação de negação.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 22)



Figura 19 – Incorporação de movimento de cabeça.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 23).

Em Brito (1995) têm-se os tipos de negação que coincide os morfemas presos e livres. A negação pode ser obtida através do item lexical NÃO e alteração do movimento. Segundo a autora o tipo de negação, que chama “suprasegmental” ocorre simultaneamente ao item negado.

[...] Em LIBRAS, essa negação se traduz em um balanceamento da cabeça para a direita e para a esquerda. Sendo uma língua visual-espacial, multidimensional, a LIBRAS permite esse tipo de simultaneidade que se superpõe àquelas já existentes entre os elementos segmentais (BRITO, 1995, p. 76).



Figura 20 – incorporação de negação, poder e não-poder.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 19).

Por fim vale ressaltar as palavras que chamamos de morfemas livres e presos, podem ser simples e complexos, pois essa razão é importante relacionar fenômenos como incorporação de numeral e incorporação de negação, por estar ligadas à LIBRAS para formar estruturas de contextos. Entretanto, há muito a ser feito, que deparemos com a complexidade nesta pesquisa, mesmo que, continuemos aprofundar nas línguas sinalizadas.

3.2 MORFEMAS LIVRES

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 86), “a palavra morfema deriva do grego morphé, que significa forma. Os morfemas são as unidades mínimas de significado”.

Silva (2009, p. 11) destaca que o “morfema é definido como a menor unidade de som e sentido na língua”. Ou melhor, o autor relata a relevância dessas unidades mínimas que compõe esse significado para a formação de palavras, junto com outro morfema.

[...] Os estudos tradicionais de morfologia sempre levaram em conta somente as línguas orais, tanto que os conceitos de palavra e morfema mencionam o termo ‘som, As línguas de sinais, mais uma vez, não estavam sendo levadas em consideração no âmbito dos estudos linguísticos (SILVA, 2009,p.46).

De acordo com Rosa (2009), é difícil detalhar ou definir com precisão o conceito de morfema, foi percebido por diversos linguistas a necessidade de ter uma base morfológica de um componente mais eficaz; fazendo com que o autor pudesse estabelecer tal noção.

[...] Para evitar que enunciados diferentes pudessem ser segmentados de maneiras diversas e que noções oriundas dos estudos tradicionais fossem associadas à análise gramatical, a linguística do século XX retirou da noção de palavra, em favor da noção de morfema, a ênfase que tinha nos séculos anteriores. O morfema tornou-se unidade básica da gramática e, por conseguinte, da morfologia – agora transformada em **morfologia baseada em morfemas (ROSA, 2009, p.43) (grifo da autora)**.

Segundo Monteiro (2002, p. 12), “a morfologia estuda a forma ou a estrutura interna dos vocábulos, a estrutura é constituída de unidades formais menores associadas e dotadas de significado que se denominam morfemas”.

[...] Os morfemas como objeto de estudo da Morfologia podem ser livres quando ocorrem isoladas e presos quando não podem ocorrer isolados, mas, exclusivamente ligados a outro(s) morfema(s). Em língua portuguesa, as palavras *nó*, *papel* e *lápis* correspondem a morfemas livres ,pois não podem ser divididas em menores unidades significativas , enquanto em *casarão* é possível destacar duas partes significativas como *casa*(morfema livre, radical) e *rão* (sufixo, morfema preso), que por não ter significado lexical independente é considerado em morfema preso (MONTEIRO,2002, p. 32).

No caso da LSB, a Fonologia e a Fonética, áreas da Linguística que estudam as unidades mínimas dos sinais onde esses sinais não mostram um significado isolado. No entanto, cada uma carrega consigo uma função. Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 81): “A fonética descreve as propriedades físicas, articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento, locação, expressão corporal e facial”. Ou melhor, o fonema, citado acima, são esses parâmetros, são unidades mínimas, que constituem os morfemas nas línguas de sinais.

Para aquelas autoras, a LSB tem toda uma composição gramatical constituída a partir de alguns parâmetros que são organizados para a sua formação nos diferentes níveis linguísticos. Podendo dizer que contém com três parâmetros: a Configuração da(s) mão(s) – (CM), o Movimento – (M) e o Ponto de Articulação – (PA); e outros constituem seus parâmetros menores: orientação de mão – (Or ou Om) e as expressões não manuais – faciais ou corporais – (ENM).

Mais uma vez, aquelas autoras mostram que a configuração de mão (vide Figura 1) “(CM): é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 53). Ou seja, podendo sinalizar com a escolha de um dedo, com a mão fechada ou aberta, flexionada ou intacta.

Com base no estudo de Quadros e Karnopp (2004, p. 99), “a morfologia é o estudo da formação de palavras, de como uma língua usa as unidades mínimas com significados para construir novas palavras ou sinais”. Nesse caso, o morfema preso, quando ocorre isoladamente, chamamos de morfema livre.

[...] por exemplo, o sinal ONTEM na LSB, seus elementos constitutivos-locação, movimento, configuração e orientação de mão-não tem significado independente e não são morfemas, mas quando eles são articulados juntos, o resultado é uma unidade com significado, um morfema livre (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 107).

De acordo com aquelas autoras, o morfema livre na LSB é constituinte de unidade isolada e neste encontrado o morfema com a função de neologismo; é possível identificar claramente que um morfema livre é um sinal, onde o resultado é uma unidade com significado. Por exemplo, os sinais mês e ontem podem ser notados conforme a descrição.

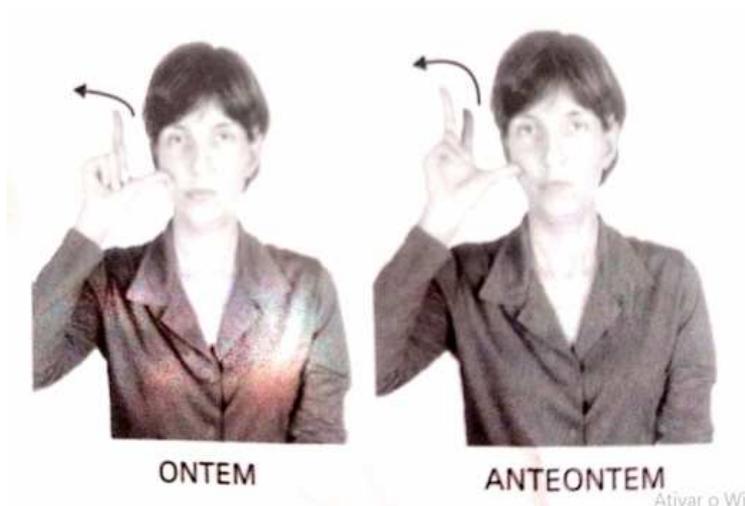


Figura 21 – Ontem, anteontem.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 107).



Figura 22 – Um-Mês, Dois-meses

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 108).

Para Quadros e Karnopp (2004), o sinal ONTEM e UM MÊS ocorrem isoladamente por se tratar de um morfema livre, pois é um elemento único, como movimento, configuração e a orientação de mão ao ser articulado juntos, um produto final é uma unidade com característica de morfema livre; enquanto o morfema preso nos exemplos acima (ANTEONTEM, DOIS-MESES), são perceptíveis na LSB esse tal fenômeno e característicos, sendo diferenciado com sua configuração de mão, pois nesses sinais são utilizados dois tipos de morfemas, (morfema preso).

De acordo com Nascimento e Correia (2011, p. 33), as “palavras já constituídas em uma língua gestual podem transformar-se em base para a produção de novos gestos, dada a recursividade de aplicação das regras morfológicas”. Melhor dizendo, em LSB, o sinal pronto (base) é um morfema livre, por exemplo; PORTA, a partir desse sinal é possível construir, formar um novo sinal, ABRIR- PORTA, FECHAR-PORTA.

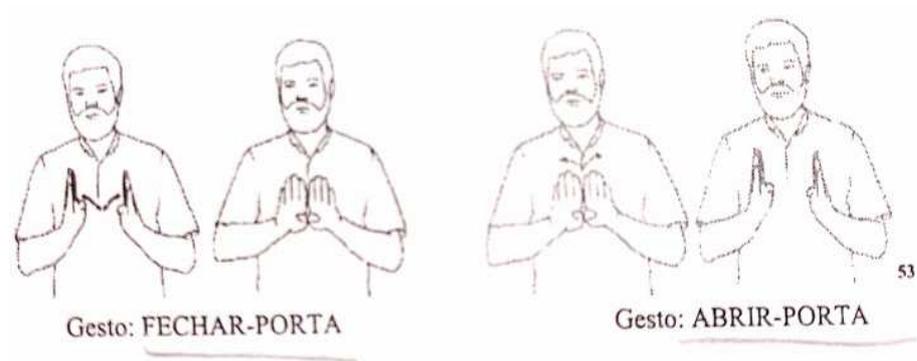


Figura 23 – Gestuário(Fechar –porta / Abrir –porta).

Fonte: Correia (2011, p. 53).

Nascimento e Correia (2011) mostram de forma clara os exemplos de como o morfema-base, que no caso, constituído com outra palavra formam uma nova palavra, assim sendo um novo morfema, onde podemos chamar de morfema preso.



Figura 24 – Um Mês; Dois Meses.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 107).

[...] pode-se dizer que o sinal DOIS-MESES tem duas partes com significado(dois morfemas). Uma delas significa MÊS e é a parte que inclui a locação, orientação e expressão não-manuais. A outra parte é a configuração de mão, que carrega o significado de um numeral específico. Quando duas partes são produzidas simultaneamente, o significado do sinal é DOIS-MESES, se a configuração de mão apresentar o número dois; TRÊS-MESES ou QUATRO-MESES, se a mesma não apresentar o numeral três ou quatro, respectivamente. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p.107).

Para Nascimento e Correa (2011, p. 34), “o gesto que era empregado inicialmente somente para palavra passa funcionar também como um morfema ao qual podem acoplar-se novos morfemas e construir novos gestos, novas unidades com significados”. Ou melhor, a combinação de um sinal (palavra) acrescido de outro sinal (palavra) forma-se um morfema preso é notável essa formação de palavras na LSB tanto quanto qualquer outra língua.

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 109), “é importante observar que muitos desses sinais têm um movimento característico, locação e orientação de mão.” Ou seja, são nesses detalhes que é percebido, onde mostra com clareza essa diferença entre os itens lexicais, de morfema livre e morfema preso, pois um pode ocorrer isoladamente, o outro tem uma configuração de mão diferente, ou melhor, o morfema preso é realizado com a junção de dois morfemas.



Figura 25 – Um Dia; Dois Dias.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 107).

[...] Os morfemas –base são constituintes de unidades gestuais com estatuto morfológico de radical sobre os quais é possível construir uma infinidade de termos do mesmo campo semântico. Em outras palavras, esses morfemas –base são constituídos de alguns gestos, que desdobram a sua função e constituem base para a construção de neologismo (NASCIMENTO; CORREA, 2011, p. 33).

Portanto, foi visto vários exemplos de morfemas livres sendo diferenciados dos morfemas presos em LSB do campo semântico formado a partir de sinais (palavras) onde esses mostra desde a constituição do morfema que ocorre isoladamente, até a formação de novos sinais e com significados diferentes. Foram apresentados os processos de formações

dos dois morfemas, mais fica clara a necessidade de se continuar a pesquisar, instigar e investir nas pesquisas especialmente no que se refere a morfema livre e preso na LSB.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos desafios que se encontra nos estudos da Língua de Sinais Brasileira – LSB farei um breve relato do que foi pesquisado e concluído, pois o objetivo maior foi mostrar a relevância que existem nas áreas dos estudos linguísticos, onde a fonologia, fonética, sintaxe, semântica, pragmática e morfologia mostrando como é feito essa organização e diferenciação na LSB, onde há uma regra especificamente na aplicação na área da linguística.

Nesse sentido, esse trabalho pretendeu responder a complexidade de, como mostrar o que são os morfemas livres e presos e como eles funcionam, mais detalhadamente na LSB.

Para esclarecer essa questão a presente pesquisa teve como objetivo detalhar o que é morfema preso e morfema livre na LSB e como eles funcionam na estrutura da língua, pois foi observado que nessa estrutura existe toda uma diferença quando colocamos na prática ferramentas como: parâmetros e as configurações de mãos, para formar e acoplar novos sinais.

Em alguns momentos do meu trabalho tive algumas dificuldades em relação ao coletar dados para embasar o meu tema, de fato temos poucos materiais, como: livros e pesquisadores da área da linguística mais especificamente que tratam do assunto aprofundado que são os morfemas seja ele livre ou preso, por certo foi um desafio chegar com êxito e clareza até onde foi ao meu alcance.

Foram coletados alguns dados, embasados em pesquisadores de outros países e também brasileiros procurando descrever, analisar os limites entre morfologia, fonologia, pois ainda apresentam um campo de investigação vasto; de fato há muito que pesquisar e analisar nas línguas de sinais. Foram apresentados vários exemplos comparando e diferenciando na aplicação dos morfemas, mas fica clara a necessidade de se continuar a investir nas pesquisas, especialmente no que se refere à LSB.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília et.al. **Novas Palavras, Literatura, Gramática, Redação e Leitura**. 2º Grau. Editora FTD. São Paulo. 1994.

AZEREDO, E. **Língua Brasileira de Sinais: “Uma conquista histórica”**. Brasília, Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2006.

BASILIO, M. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática. 1987.

BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 1º abr. 2019.

_____. **Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 1º abr. 2019.

FERREIRA, B.M.S. A LIBRAS na Formação do Professor: **Por uma Educação Inclusiva de Qualidade**. Revista virtual de cultura surda e diversidade. Edição 4. Petrópolis: Arara Azul. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/revista/04/compar2.php>

BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

_____. Língua Brasileira de Sinais – Libras. In: _____ *et al.* (Org.). **Programa de capacitação de recursos humanos do Ensino Fundamental: Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC, SEESP, 1998. v. III. (Série Atualidades Pedagógicas).

CALVET, L. **As políticas linguísticas**. Florianópolis: Ipol; São Paulo: Parábola, 2007.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: Enciclobras. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13558/1/2012_MessiasRamosCosta.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DUBOIS, J.; GIACOMO, M.; GUESPIN, L.; MARCELLESI, C.; MARCELLESI, J.; MEVEL, J. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____; _____. **Dicionário de Linguística**. Trad. de Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 1989.

FELIPE, T. A. **Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero**. Anais do Congresso Surdez e Pós-modernidade: Novos rumos para a educação brasileira- 1 Congresso Internacional do INES. 7 Seminário Nacional do INES. Rio de Janeiro: INES, Divisão de estudos e pesquisas: 2002: 37-58

FELIPE, T. A. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Livro do estudante. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

_____. O processo de formação de palavra na Libras. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803/818>>. Acesso em: 1º abr. 2019.

FERREIRA, L. (Org.). **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1995.

_____; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira-Langervin Transcrição de Sinais In: FERREIRA, L. (Org.). **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1995.

FIORIN, J. L. **Introdução à Linguística II**: princípios de análise. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?**: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

KLIMA, E. S.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

MONTEIRO, José Lemos (2002). **Morfología portuguesa**, 4.ed. Campinas: Ponte.

NANTES, J. M. **A Linguística e a Língua Brasileira de Sinais I**. São Paulo: Know How, 2010.

NASCIMENTO, S. P. F. **Representações lexicais da língua de sinais brasileira**: uma proposta lexicográfica. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2009.

_____; CORREIA, M. **Um olhar sobre a Morfologia dos gestos**. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. (Coleção Língua Gestual Portuguesa – N. 15)

OLIVEIRA, R.; MARQUES, R. R. Uso da variação linguística na língua brasileira de sinais. **Revista Diálogos**: Linguagens em Movimento, Caderno Estudos Linguísticos e Literários, Cuiabá, a. II, n. I, p. 85-91, 2014.

PAGY, F. E. **Reduplicação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/11674>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. (Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos)

_____; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; PIZZIO, A. L. **Língua Brasileira de Sinais IV**. Curso de graduação de Letras Libras. CCE/UFSC, 2009.

_____; _____. Aquisição da Língua de Sinais Brasileira: constituição e transcrição dos corpora. In: SALLES, H. (Org.). **Bilinguismo e surdez**: questões linguísticas e educacionais. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

ROSA, Maria Carlota. Introdução. **À Morfologia**. Editora Contexto. São Paulo. 2009.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. **Ensino de Língua Portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. v. 2. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos)

SANDLER, W.; LILLO-MARTIN, D. **Sign Language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SILVA, M. C. F. **Morfologia**. Florianópolis: UFSC, 2009.

SKLIAR, C. Introdução – Abordagens sócias antropológicas em educação especial. In: _____ (Org.). **Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais**. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.